

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**  
**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA**

**CURSO DE LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA**

**UM SOZINHO NÃO LUTA:**  
**O Processo Mútuo de Construção da Violência entre os Parceiros**  
**Conjugais**

**AUTOR: CREMILDO LUÍS. S. MUBATE**

**SUPERVISOR: DR. EMÍDIO VIERA S. GUNE**

**Maputo, Março de 2013**

**AUTOR: CREMILDO LUÍS SIMÃO MUBATE**

**UM SOZINHO NÃO LUTA:**

**O Processo Mútuo de Construção da Violência entre os Parceiros  
Conjugais**

Relatório de Pesquisa Submetido ao Departamento da Arqueologia e Antropologia,  
Faculdade de Letras e Ciências Sociais, como Requisito Parcial para Obtenção de Grau  
de Licenciatura.

**SUPERVISOR: DR. EMÍDIO VIERA SALOMONE GUNE**

**Maputo, Março de 2013**

**CREMILDO LUÍS SIMÃO MUBATE**

**UM SOZINHO NÃO LUTA:**

**O Processo Mútuo de Construção da Violência entre os Parceiros  
Conjugais**

Relatório de Pesquisa Submetido ao Departamento da Arqueologia e Antropologia,  
Faculdade de Letras e Ciências Sociais, como Requisito Parcial para Obtenção de Grau  
de Licenciatura.

O presidente

O supervisor

O oponente

---

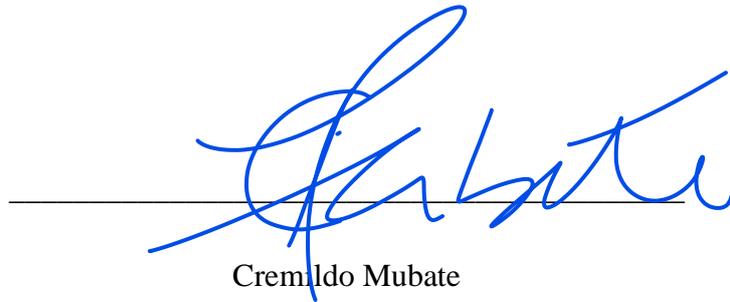
---

---

**Maputo, Março de 2013**

## **Declaração de Honra**

Declaro que este relatório de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para a obtenção de qualquer grau académico.



Cremildo Mubate

**Maputo, Março de 2013**

## **Resumo**

O estudo analisa o processo de construção da violência no contexto das relações conjugais.

A literatura dominante olha para a violência (independentemente do local de ocorrência, do tempo, do contexto, das causas e dos agentes envolvidos) como violência doméstica. E quando se desenvolvem estudos sobre a dita violência “doméstica” as suas análises ancoram em dois pontos fundamentais: Primeiro, os estudos concentram as suas análises simplesmente para a dimensão física da violência, deixando de fora a dimensão económica, social, psicológica e verbal da violência- mesmo etnografando-as ao longo do trabalho de campo, elas são ignoradas no momento analítico do fenómeno;

Segundo, a violência é explicada a partir do modelo patriarcal da dominação masculina. De acordo com a explicação deste modelo, os indivíduos de sexo masculino são os agentes perpetradores da violência contra os indivíduos de sexo feminino. Pensar sobre a violência de acordo com este modelo é problemático em dois pontos:

- a) Pelo seu carácter generalista- olha para o individuo de sexo masculino, em todas as sociedades, tempos e contextos, como o agente perpetrador da violência;
- b) Ponto está no facto de explicar o fenómeno de violência a partir da dimensão material do corpo- olha para o pénis como factor definidor na prática da violência.

Com base nos dados etnográficos recolhido no GAM do Bairro Alto-Maé, na cidade de Maputo, o estudo decidiu olhar para o fenómeno de violência à luz da perspectiva processualista (desenvolvido pelo antropólogo Walter Neves) e Perspectiva de Acção Social de Max Weber. Em síntese, a análise dos dados permite concluir que a violência, no contexto das relações conjugais, é um fenómeno mutuamente construído ao longo do tempo entre os parceiros conjugais, que pode ou não desembocar na violência física. Também, os dados permitem afirmar que os parceiros (as) conjugais são seres cientes das suas próprias individualidades e capazes de se verem de fora como os outros lhes vêm, e são indivíduos com capacidade de criar estratégias adaptativas de resposta à violência.

**Palavras-chave:** *Violência, Processo e Construção Mútua.*

## **Dedicatória**

*Em memória ao meu Pai*

*Luís Simão Mubate!*

*Paz à Sua Alma!*

*Em dedicação especial à minha amada mãe Madina Abudo Gereia, à minha irmã Sónia, à minha tia Maria Gereia e à minha colega Angelina Nhane, Pelo silêncio, quando eu reclamava e, também, pelas vossas palavras de estímulo quando eu me calava.*

## **Agradecimentos**

Este estudo realizou-se graças a esforços e contribuições, direta ou indirectas, de muitas pessoas. A essas pessoas maravilhosas vai a minha profunda gratidão.

À Deus: Por estender a tua mão e por ter-me erguido sempre que senti meu corpo fraquejar; Pelas coragem que me deste para prosseguir sempre que senti minha alma se abater, e por teres enviado o teu próprio espírito para habitar em mim.

Ao Dr. Emídio Gune: Pelo esforço, paciência incondicional e conhecimentos antropológicos partilhados a mim, seu supervisionado. Serei eternamente grato por tudo.

Os meus agradecimentos estendem-se para o docente Euclides Gonçalves e o Mestre Agostinho Manganhele pelas sugestões, pelas críticas construtivas, pelas recomendações e por partilharem comigo as suas experiencias académicas.

Os os todos docentes do DAA (dr. Helder Nhamaze, Professor Joane Zonjo, Dr. Alexandre Mate, Dr. Adriano Biza, Dr. Jossias Humbane, Dr<sup>a</sup>.Sónia Seuane, Dr. Omar Madine, Dr<sup>a</sup>. Margarida Paulo, Dr. José Teixeira, Elísio Jossias, Dr. Fernando Manjate e outros) meu muito obrigado pelos ensinamentos antropológicos.

Aos meus irmãos Maria Elisa Simão, Orcídio Esvêncio, Seaje da Maria e Vueia Simão, ao meu Padrasto Esvêncio Chibante, ao meu Cunhado Neto Martins, aos meus Tios Valdez Manecas e Fernando Simão, aos meus sobrinhos Luís Neto, Mambo e Tereza Neto (Avó), ao meu companheiro das trincheiras académicas Costa Ivo Mateus, aos meus amigo Edson Voabil, Domingos Maurício, a pai Lip, aos meus colegas, Amílcar Magaço, Simões Capace, Sargem Chiparanga, José Mutavo, Natalina Zacarias, Edson Mugabe, Dilaman Mutisse Alda Obede, Patrícia Dos Santos e Agostinho Neves e ao meus colegas do quarto Adriano Alberto e Argelino Zuande, meu muito obrigado pela força e pelo companheirismo ao longo dos quatro anos de formação.

Finalmente, quero agradecer-te Jofina Félix pelo simples fato de existires, por me deixares fazer parte da sua vida e pelo seu amor incondicional.

*A todos, o Meu Muito Obrigado.*

## **Lista de Abreviaturas**

**CEDAW-** Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher

**DAA-** Departamento de Arqueologia e Antropologia

**GAM -** Gabinete de Atendimento a Mulher e Criança Vítima de Violência Doméstica

**UEM-** Universidade Eduardo Mondlane

**WLSA-** Women and Law in Southern Africa

**ONU-** Organização das Nações Unidas

## Índice

Declaração de Honra .....	IV
Resumo .....	V
Agradecimentos .....	VII
Lista de Abreviaturas.....	VIII
INTRODUÇÃO.....	10
Capítulo I.....	14
1. REVISÃO DA LITERATURA.....	14
1.1. Quadro conceptual.....	17
1.1.1. Violência.....	17
1.1.2. Processo .....	18
1.1.3. Género.....	19
Capítulo II.....	21
2. MÉTODOS E TÉCNICAS.....	21
2.1. Caracterização do GAM .....	21
2.2. Perfís dos Entrevistados.....	22
Capítulo III .....	25
3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS .....	25
3.1. História dos Relacionamentos Conjugais .....	25
Capítulo IV .....	31
4. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.....	31
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	32

## INTRODUÇÃO

*“ Um dos segredos da profissão dos Socio-Antropólogos consiste em saber encontrar objectos empíricos a propósito dos quais se podem colocar realmente problemas muito gerais ”*

*PIERRE BOURDIEU, 1984:5<sup>1</sup>.*

O presente trabalho é um relatório de pesquisa elaborado como requisito parcial das exigências para a obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia, da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, da Universidade Eduardo Mondlane. O trabalho analisa o processo de construção da violência no contexto das relações conjugais.

De acordo com Teles (2010), a violência constitui um dos grandes problemas nas relações de género e no campo da sexualidade humana. Como forma de acabar com este problema criou-se a nível mundial alguns instrumentos políticos ligados ao Direito Humanos das Mulheres. Estes instrumentos são adoptados pelos países que demonstram, de certa forma, um empenho por parte dos governantes nesta matéria.

Neste campo, destaca-se a adesão de Moçambique nos programas de acção das Nações Unidas- promoção da equidade de Género, na plataforma de acção de Beijing, na ratificação do CEDAW, na Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos, no Protocolo da Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos e da Mulher (Teles, 2010). Em Setembro de 2000 assistimos, também, a adesão de Moçambique ao programa Objectivo do Desenvolvimento do Milénio, lançado pela ONU, comprometendo-se até 2015 atingir oito (8) objectivos principais; dos quais, o terceiro consiste em promover a igualdade de género e autonomização da mulher. E, Como forma de concretizar este objectivo, legislaram-se leis<sup>2</sup>, bem como, criaram-se várias instituições e vários programas, tais como: Gabinetes de Atendimento a Mulher e

---

<sup>1</sup> *Apud Da Conceição 2007, “Lied para Yonnis-Fred e Maelle”:* (paternidade, morte e quotidiano, construções no mar, em terra e no ar). Maputo: Imprensa Universitária. p:104-105.

<sup>2</sup> Lei da Família, lei nº 10/2004. Pela igualdade de direitos entre mulheres e homens na Família. Com a lei da família pretende-se ajudar a corrigir as actuais assimetrias e as desigualdades e que sirva de suporte legal para combater a violência doméstica, contribuindo para fazer da família um lugar de acolhimento, de conforto e de segurança.

Criança Vítima de Violência Doméstica, programa Mulher Lei e Desenvolvimento, todos contra a violência, Associação Moçambicana da Mulher e Democracia. Assistimos, também, criação de Movimento Ativista da Não-Violência contra Mulher.

As instituições acima referidas, partilham o mesmo quadro de pensamento sobre o fenómeno da violência. Portanto, Olha-se para todo o tipo de violência (independentemente do local de ocorrência, do tempo, do contexto, das causas e dos agentes envolvidos) como violência doméstica. Verificamos, também, que estas instituições olham para a violência simplesmente na sua dimensão física, mesmo vendo e ouvindo da dimensão verbal, a psicológica e a económica da violência, elas são ignoradas no quadro analítico do fenómeno.

Ao nível teórico destacam-se duas principais linhas de abordagens sobre a violência. Na primeira linha de abordagem, evidenciam-se os autores que explicam a violência como sendo fruto da perturbação do foro biológico e psicológico do indivíduo. Os indivíduos agredem outrem porque estão mentalmente perturbados (Taela 2006). Está abordagem é posta em causa pelo facto de, o quadro comportamental dos perpetradores da violência não apresentar o mesmo quadro que os doentes mentais.

E, na segunda linha de abordagem, destacam-se autores da teoria de conflito<sup>3</sup> e da teoria patriarcal da dominação masculina. De acordo a teoria patriarcal da dominação masculina, a mulher encontra-se numa situação desfavorável e subalterna em relação ao homem, na sociedade (Macia e Langa 2004). Este modelo explica a violência a partir da oposição binária e olha para os indivíduos de sexo masculino como os agentes perpetradores da violência, e os indivíduos de sexo feminino como as vítimas da violência.

O modelo da dominação masculina vem superar a limitação da abordagem psicologista, na medida em que mostra, segundo Bourdieu citado por Da Conceição (2007: 108):

“ Não são os conflitos psíquico que permitem compreender a formação do individuo. Como em FREUD, o individuo (...) não está no centro de si próprio; mas desta vez

---

<sup>3</sup> Teoria marxista- olha para a sociedade como sendo formada por duas classes antagónicas. Ao analisar o fenómeno de violência cria-se as duas classes antagónicas. Por um lado temos os homens-dominadores, perpetradores da violência. E por outro lado, temos as mulheres- as dominadas, vitimas da violência.

[naquilo] que o produz, indo mesmo até a sua intimidade, [e que] é a exterioridade social”.

O modelo patriarcal da dominação masculina nas suas análises sobre a violência ajuda-nos a compreender o corpo<sup>4</sup> como um lugar onde se inscrevem as disputas pelo poder e também como algo associado aos arranjos socioculturais. Apesar destas potencialidades explicativas, o modelo comporta certas limitações analíticas:

- a) O seu carácter generalista- olha para o indivíduo do sexo masculino, em todas as sociedades, em todos os tempos e em todos os contextos, como o agente perpetrador da violência. Esta perspectiva tem um carácter etnocêntrico - analisa a questão da violência a partir do modelo de estruturação social ocidental, que é fruto de um contexto específico.

Pensar sobre a violência à luz do quadro analítico acima mencionado impossibilita-nos pensar que a violência pode acontecer, em outros lugares e em outros contextos, de maneiras diferentes, e deixa escapar de vista a dimensão intra-género da violência- algo que pode ser praticado de indivíduo de sexo masculino para indivíduo de sexo masculino, sexo feminino para sexo feminino ou de indivíduo de sexo feminino para indivíduo de sexo masculino.

- b) O facto de explicar a realidade social invocando causas de ordem metassocial- tentativa de descrever ou explicar o fenómeno da violência partir da dimensão material do corpo. Olha-se para o pénis do indivíduo como factor determinante na prática da violência. Este factor é inerente á natureza de um indivíduo, incorporando-o na explicação dos fenómenos sociais, constitui um obstáculo a produção do conhecimento científico, na área das ciências sociais. Isto porque um facto social não pode ser explicado pelo facto natural, mas sim, segundo Durkheim<sup>5</sup>, os factos sociais devem ser procurado e explicados em outro facto social.

A pesquisa exploratória no campo permitiu-nos abandonar o modelo patriarcal de dominação masculina e os modelos ideológicos (o marxismo e o feminismo), e possibilitou-nos criar e usar abordagem processualista e abordagem da acção social de Max Weber. A perspectiva processualista sugere-nos a olhar a violência, no contexto

---

<sup>4</sup> Bourdieu, P. 1998, *A dominação Masculina*. Celta Editoras.

<sup>5</sup> Durkheim, *Regra do método sociológico*, citado por Giddens (2009). Sociologia: Lisboa

dos relacionamentos conjugais, não como um evento, mas sim como uma história longa construída ao longo do tempo entre os dois parceiros, e a perspectiva de acção social de Max Weber sugeri-nos a olhar para os parceiros conjugais como seres cientes, activos e criativos.

Todavia, olhar para a violência à luz das perspectivas acima mencionadas permite-nos observar e analisar como os parceiros conjugais respondem aos riscos da violência, como os indivíduos criam estratégias adaptativas face à violência, e a compreender como os parceiros conjugais influenciam-se reciprocamente no processo mútuo da construção da violência.

Para a realização deste estudo usamos o método etnográfico. Este método consistiu em ver, ouvir e conversar com actores sociais envolvidos no acto da violência. A etnografia realizou-se no Gabinete de Atendimento a Mulher e Criança Vítima de Violência Doméstica, localizado no Bairro do Alto-Maé, na Cidade de Maputo, Moçambique.

Apresentaremos o trabalho em quatro (4) capítulos. Após esta introdução, segue a revisão de literatura, onde construiremos as principais linhas de pensamento, as constatações e os principais conceitos analíticos para a nossa análise. Na segunda parte, apresentaremos os métodos e as técnicas usadas na recolha de dados. Na terceira parte, apresentaremos e discutiremos entorno dos dados recolhidos no campo. Na quarta e última parte, apresentaremos as considerações preliminares do nosso estudo.

## Capítulo I

### 1. REVISÃO DA LITERATURA

Neste espaço pretendemos trazer as principais linhas de abordagem e as constatações dos autores que desenvolveram estudos sobre a violência.

A violência é analisada e explicada à luz de várias e diferentes abordagens teóricas. Taela (2006) afirma que as primeiras teorias desenvolvidas para explicar a violência estavam ancoradas no campo da Psicologia. Estas teorias defendiam que o fenómeno da violência devia-se à perturbação do foro biológico e psicológico do indivíduo. Os indivíduos agredem o outrem porque estão mentalmente perturbados. Estudos posteriores problematizaram esta perspectiva, mostrando que o quadro do comportamento dos perpetradores da violência não apresenta o mesmo quadro que os doentes mentais.

Observando a existência de limitações analíticas no campo da perspectiva psicológica, urge a necessidade de se criar abordagens socio-antropológicas que possam dar cobertura analítica do fenómeno da violência. Dentro das literaturas socio-antropológicas dominantes sobre a violência destacam-se os estudos desenvolvidos por Bourdieu, Minayo, Loforte, Teles, Osório e outros.

Bourdieu (1998), na sua obra *Dominação Masculina*, afirma que a dominação masculina funda-se numa lógica de trocas simbólicas, isto é, na assimetria entre homens e mulheres que se instaura na construção social do parentesco e do casamento. Para este autor, as mulheres sempre tiveram que enfrentar a desigualdade em todos tempos e lugares, elas sempre estiveram subjugadas a esfera privada e doméstica e o homem na esfera pública dotado de poder. Para Bourdieu dominação masculina não é meramente imposta, mas sim, consentida por estas mulheres com base nas normas da sociedade; é nesta lógica que Bourdieu chama esta prática de violência simbólica, em que os indivíduos violentados legitimam essa violência em nome das normas vigentes na sociedade.

A distinção entre homem e mulher é mais uma construção social e menos um facto biológico, que as mulheres, elas mesmas, contribuem para a dominação masculina, na medida em que elas interiorizam e pensam sobre a sua própria condição adoptando

categorias daqueles que as dominam, que decorre na fabricação social das diferenças de sexo e perpetuação da dominação masculina, por meio do Estado, da Escola, da Igreja e da própria família (Bourdieu *Apud* Da Conceição, 2007).

Em Bourdieu (1998), falar da violência é possível explicar a violência simbólica, que é uma dimensão de todo o domínio e que constitui o essencial da dominação masculina, que se vai intervir aos hábitos duma determinada sociedades e dela se plantar. Ao mesmo tempo a questão da condição social do futuro que constitui, em última análise, a condição escondida da eficácia real desta acção é uma aparência mágica. Bourdieu nas suas análises toma em consideração a categoria corpo e sexo como fatores determinantes da violência.

O corpo é para Bourdieu (1998), o lugar onde se inscrevem as disputas pelo poder, é nele que o nosso capital cultural está inscrito, a nossa primeira forma de identificação desde que nascemos como homens ou mulheres. Na óptica deste autor, o corpo é materializado pela dominação, o *locus* do exercício do poder por excelência. Este autor parte do pressuposto segundo o qual a ordem do cosmos é masculino, e esta ordem está inscrita nos corpos de ambos os sexos, não havendo possibilidade de escapar dela, isto porque ela se evidencia na natureza biológica, mostrando-se como natural enquanto na realidade é construção social naturalizada.

Na mesma perspectiva analítica de Bourdieu enquadrámos o estudo da Loforte (1995), Meija e Arthur (2005) e Moura (2009). Estas autoras afirmam que o fenómeno da violência contra a mulher em Moçambique é uma componente estruturante das relações entre homens e mulheres, que confere a mulher uma posição de subordinação e ao homem posição de dominação. Neste contexto, as próprias mulheres reconhecem e legitimam esta dominação do homem; tornando assim a violência mais eficaz e permanente no seio das suas famílias.

Em contrapartida, argumentos opostos vêm do Osório (2004). De acordo com esta autora, as mulheres não se submeteram completamente e da mesma maneira em todos os contextos; há contextos ou situações em que a mulher detém o poder e são protagonistas da violência. E Foi, sobretudo, na década de 1970 com o feminismo radical que elabora-se o marco estrutural para explicar o sentido e o alcance da violência

contra as mulheres, através do conceito de Patriarcado<sup>6</sup>. Osório, (2004), Meija e Arthur (2005) e Loforte, (2009), afirmam que a violência contra a mulher deixa de ser algo pessoal entre agressor e vítima, e passa a ser encarada como violência estrutural contra o coletivo das mulheres.

Na mesma perspectiva de análise encontramos pensamentos da Teles (2010). Esta autora discute sobre três pontos importantes sobre a violência: primeiro, discute o conceito de Gênero e a desnaturalização da condição da mulher. Neste ponto a autora dá mais ênfase à questão da construção social dos papéis do gênero, que variam de contexto para contexto; No segundo ponto, com recurso as correntes feministas, discute o lugar da mulher dentro dos Direitos Humanos. A autora afirma que, tanto mulher como os homens são humanos e gozam de iguais Direitos Humanos. No entanto, segundo a autora, são vários os casos reportados em todo o mundo sobre violação dos Direitos das Mulheres, desde a violência corporal até a outras práticas discriminatórias, que impedem de gozar as suas liberdades na vida familiar, social, cultural e política. No terceiro e último ponto, a autora faz uma análise dos Direitos da Mulher em Moçambique, fazendo menção de alguns instrumentos legais, como a constituição da República e a Carta da África, que defendem os Direitos da Mulher como Direitos Humanos.

Novaes e Lima (2001) discutem o uso dos paradigmas clássicos da antropologia na temática de violência contra a mulher e os Direitos da Mulher. Para Novaes e Lima (2001), a perspectiva etnocêntrica que tem sido usada no campo analítico da temática dos Direitos Humanos tem entrado em conflito com o paradigma do relativismo cultural, na medida em que se verifica imposição de novas lógicas de estruturação social nuns determinados contextos. Portanto, constata-se que esta atitude traz consigo um paradoxo. Por um lado, pretende-se respeitar as práticas culturais locais, e por outro, pretende-se impor novas lógicas de comportamento nestes contextos.

---

<sup>6</sup> Dolores Reguant citado por Meija e Arthur (2005: 3) o Patriarcado “é uma forma de organização política, económica, religiosa e social baseada na ideia de autoridade e liderança do varão, na qual os homens são superiores as mulheres, o marido a esposa; o pai a mãe, os filhos as filhas, os velhos aos jovens e a linha de descendência paterna a linha de descendência materna”.

Dentro das perspectivas que problematizam os estudos sobre a violência, temos o estudo desenvolvido por Macia e Langa (2004). De acordo com estes autores, analisar a violência a partir do modelo da dominação masculina é problemático pelo facto de generalizar os fenómenos sociais (pensar que a mulher em todos lugares, em todo o tempo e em todos contextos se encontra na posição subalterna em relação ao homem) e pelo facto de explicar o fenómeno de violência recorrendo a dimensão material do corpo dos indivíduos.

## **1.1. Quadro conceptual**

### **1.1.1. Violência**

A violência é um dos eternos problemas da teoria social e da prática política e relacional da humanidade. De acordo com Minayo (1994:8), entende-se por violência, em particular a estrutural, “aquela que oferece um marco à violência do comportamento e aplica-se tanto às estruturas organizadas e institucionalizadas da família como aos sistemas económicos, culturais e políticos que conduzem à opressão de grupos, classes, Nações e indivíduos, aos quais são negadas as conquistas da sociedade, tornando-os mais vulneráveis que outros ao sofrimento e à morte”. Conforme assinala Boulding (1981) citado por Minayo (1994:8), “essas estruturas influenciam profundamente as práticas de socialização, levando os indivíduos a aceitar ou a infligir sofrimentos, segundo o papel que lhes corresponda, de forma *Naturalizada*<sup>7</sup>”.

Para Teles (2010:19) considera-se violência a física, a sexual, a psicológica, o abuso económico praticado para outrém, independentemente de idade, raça, cultura e posição social. Ocorre nas casas e nas ruas.

Os conceitos de violência acima mencionados têm um ponto de convergência. Olham para a violência como um todo, incorporando todas as dimensões da violência, e olham para todos os indivíduos como vítimas delas, independentemente do seu sexo biológico.

Existe uma noção nas ciências sociais que vem no modelo de dominação masculina e das perspectivas marxistas e feministas. Estas perspectivas olham para o indivíduo do sexo masculino como actor social que detém o uso do monopólio da violência nas

---

<sup>7</sup> O itálico é do autor.

relações conjugais. Os estudos contemporâneos têm esta orientação em torno de monopolização de violência legítima por parte dos indivíduos do sexo masculino.

Neste estudo olhamos para o conceito de violência a luz da perspectiva de Goffman 1997 citado por Baloi (2011). Goffman trouxe a nossa atenção que as interações face-a-face têm quadros (*frames*)<sup>8</sup>. Quadros são pressupostos básicos que habilitam os participantes (no nosso caso os parceiros conjugais) a compreender o que se passa na situação da violência e analisa o envolvimento subjectivo dos parceiros conjugais. A partir destes pressupostos podemos dizer que a violência no contexto das relações conjugais depende da interação cara-a-cara. Nenhuma acção social ocorre sem encontros interpessoais inumeráveis.

### **1.1.2. Processo**

Neste estudo olha-se o conceito processo como a acção de andar para a frente (levar algo a cabo), ao decorrer do tempo, ao conjunto das fases sucessivas de um fenómeno natural ou social.

Nos inspirando na perspectiva processualista, neste estudo pretendemos olhar a violência como um processo mutuamente construído entre os parceiros envolvidos. Esta visão é importante na medida em que nos permite analisar como os parceiros respondem as situações nos relacionamentos conjugais. Ajuda-nos, também, a compreender a violência numa perspectiva historicista, na qual as escolhas, as repostas ao risco e os mecanismos de adaptação dos indivíduos passa ser elementos importantes para a análise.

A perspectiva processualista incorpora nas suas análises o exame da construção da história da relação conjugal, observa como os indivíduos respondem aos riscos da violência e investiga sobre a adoção de estratégias adaptativas face a violência com finalidade de compreender como os parceiros influenciam-se reciprocamente na construção da violência (Neves, 2000).

---

<sup>8</sup> Goffman diz: parto do pressuposto de que as definições de uma situação são construídas de acordo com o princípio de organização que determinam os acontecimentos-pelo menos acontecimentos sociais-e o nosso envolvimento subjectivo neles: quadro é uma palavra que uso para me referir àqueles, dentre este acontecimentos básicos, que sou capaz de identificar (Goffman *Apud* Baloi 2011:63).

### 1.1.3. Género

Neste estudo o conceito género ajuda-nos analisar como são permeadas, no contexto da violência conjugal, as relações sociais, como está ordenada a vida e o comportamento dos parceiros conjugais.

Sexo foi durante muito tempo um conceito chave para explicar e ordenar a vida e o comportamento das pessoas. Com base no sexo e na sua capacidade reprodutiva era justificado que as mulheres não podiam fazer determinado tipo de trabalho ou representar determinado papel social, acontecendo o mesmo com os homens de forma oposta às mulheres (Gune, 2010: 24).

Usar o conceito de sexo na perspectiva acima mencionada é problemático em dois pontos: Por um lado, faz-nos crer como verdade- que o comportamento humano é biologicamente determinado, e que os homens e as mulheres nascem aptos a fazer um determinado tipo de coisas ou trabalho e que estivessem impossibilitados de fazer outros. Por outro lado, cria uma falsa ideia segundo a qual todas as mulheres e homens – em qualquer cultura ou lugar – são iguais, enfrentam os mesmos problemas, as mesmas necessidades, dispõem dos mesmos recursos, sonhos, desejos e vontades (Gune 2010).

É assim que nasce o conceito de género. Segundo Loforte (1995), Género refere-se as relações sociais desiguais de poder. Mais do que o sexo biológico como fonte das diferenças observadas entre homens e mulheres e da comparação entre os papéis femininos e masculinos, falar do género é analisar o processo de construção social do masculino e do feminino). Todavia, a palavra género indica uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual” (Scott, 1989 citado por Muianga 2009).

O conceito género refere-se as relações sociais entre os homens e as mulheres que emergem do papel que lhe é atribuído pelas sociedades. Esta categoria reconhece que tanto os homens como as mulheres têm um papel específico dentro de uma sociedade e que são reforçadas pelos pais, professores, cultura, religião, sociedade e leis (Collier, 2001:10 citado por Muianga 2009).

Todavia, a nossa investigação no domínio das relações sociais sobre género centra-se em dois pressupostos de análise: - relações desiguais entre homens e mulheres resultam

das diferentes formas de organização social, quer seja na família, na empresa, na religião, na política ou no mundo “ das relações conjugais” em que homens e mulheres se inserem; - forma de relações de poder que permeiam uma interação social.

## Capítulo II

### 2. MÉTODOS E TÉCNICAS

Neste capítulo apresentaremos as questões relativas a metodologia, nomeadamente a caracterização do local do estudo, perfil dos entrevistados, tipo de estudo, técnicas usadas na recolha de dados, critérios de seleção dos entrevistados e constrangimentos metodológicos.

#### 2.1. Caracterização do GAM

GAM é uma instituição que pertence ao Ministério de Interior de Moçambique e é vocacionada ao atender e resolução de assuntos de violência doméstica. O GAM, no qual realizamos a nossa etnografia, localiza-se na Cidade de Maputo, no Bairro do Alto-Maé, concretamente, no entroncamento entre as Avenidas Eduardo Mondlane e Irmãos Rubin.

Diariamente o GAM funciona com uma escala composta por três turnos a saber: Das sete horas e trinta minutos às quinze horas, das quinze horas às dezoito horas e das dezoito horas às sete horas e trinta minutos. Todos os turnos são compostos por um ou dois oficiais da polícia de Moçambique. Em média o GAM atende por dia 20 a 30 caso de violência.

No gabinete de Atendimento a Mulher e Criança Vítima de Violência existem dois conceitos principais que são usados para o atendimento do utente, que são:

- a) Violência doméstica. De acordo com a funcionária do GAM, a violência doméstica é:

*“ Todo acto violento ou não que decorre dentro do agregado familiar e é praticado entre os membros destes agregado familiar, trazendo dor para a vítima”;*

- b) Ofensa corporal. Segundo a mesma funcionária, a ofensa corporal é:

*“ Ofensa corporal é todo acto violento praticado entre pessoas que não são membro de um agregado familiar e não tem laços de parentesco ” (Isabel<sup>9</sup>, 25 Anos de idade).*

O Gabinete de Atendimento a Mulher e Criança vítima de Violência atende somente os casos de violência doméstica (os casos de ofensa corporal são encaminhados para as esquadras). De acordo com a mesma funcionária no quadro da violência existem várias subcategorias, mas, as mais comuns nesta Instituição são: psicológica, física, sexual e socioeconómica.

## **2.2. Perfís dos Entrevistados**

Para o presente estudo entrevistamos oito (8) indivíduos do sexo feminino, com idades compreendida entre 20 a 45 anos. Por razões de ordem metodológica incorporamos cinco entrevistas. Das quais, uma é da funcionária do GAM e as quatro pertencem as parceiras conjugais. Segue-se o perfil de cada uma das entrevistadas:

- 1) Isabel, com 25 anos de idade. Funcionaria do GAM há mais de 3 anos e trabalha como recepcionista da Instituição.
- 2) Maria, de 35 anos de idade, casada há mais de 10 anos, mãe de 4 filhos, doméstica. Conheceu o marido quando tinha 20 anos, numa loja de eletrodoméstico, na Baixa da Cidade de Maputo, na qual era funcionário.
- 3) Fátima, de 24 anos de idade. Esta num relacionamento de namoro e conheceu o namorado numa festa de aniversário no Bairro da Mafalala, no qual os dois parceiros residem.
- 4) Júlia, de 20 anos de idade, natural de Gaza. Casada e mãe de 2 filhos, casou-se em Gaza e vivia lá com seu marido. Actualmente reside no Bairro de Malhagalene - cidade de Maputo. A mudança de residência deveu-se a procura de trabalho.
- 5) Deolinda, de 45 anos de idade. Casada e mãe de 5 filhos. Conheceu o marido na Igreja Assembleia de Deus. Ambos parceiros partilhavam os mesmos ideais- não ao consumo de bebidas alcoólicas.

---

<sup>9</sup> Neste estudo, por razões da ética científica e com vista a preservar os nomes dos entrevistados, usamos nomes fictícios.

Neste trabalho usamos o método de abordagem qualitativa. A realização de um estudo com este método permite-nos criar uma aproximação fundamental e de intimidade entre nós pesquisadores e o nosso objecto de estudo, uma vez que ambos somos da mesma natureza. Permite-nos, também, penetrar nos motivos, intenções e projectos dos actores, a partir dos quais as acções, as estruturas e as relações se tornam significativas dentro dum contexto (Minayo et al, 1993).

O processo de recolha de dados decorreu em três (3) fases. Na primeira, fizemos um levantamento bibliográfico em torno do tema em análise, na Biblioteca Brazão Mazula, na Biblioteca do Departamento de Arqueologia e Antropologia (Ambas da Universidade Eduardo Mondlane), na Biblioteca da WLSA e Biblioteca de GAM. Nestas bibliotecas consultamos matérias da antropologia em geral, da Antropologia de Género e Sexualidade, Antropologia da Saúde e documentos oficiais sobre a ocorrência e registo de casos de violência em Moçambique; Na segunda, fizemos pesquisa etnográfica no Gabinete de Atendimento a Mulher e Criança Vítima de Violência, localizado no Bairro do Alto-Maé-Cidade de Maputo. A etnografia teve duração de um mês (iniciamos em finais de Setembro de 2012 e terminamos em meados de Outubro do mesmo ano).

Nossa entrada e aceitação no GAM, foi possível mediante uma carta de pedido de estágio na instituição. Após a nossa entrada na Instituição, primeiro, conversamos com os funcionários da Instituição, onde foi possível perceber como funciona a instituição, desde o atendimento dos indivíduos que vem meter a queixa até o acompanhamento do caso. Em seguida, entrevistamos alguns cônjuges envolvidos nos actos de violência e alguns indivíduos que acompanhavam as pessoas que vinham pôr a queixa no GAM.

No processo de recolha de dados usamos entrevistas abertas, onde o entrevistado narrava a sua história conjugal, e depois estruturávamos as questões em torno dos nossos tópicos do estudo. Nesta fase criamos amizade e trocamos contacto telefónico com os entrevistados para as próximas entrevistas.

As técnicas de entrevista abertas e semiestruturadas permitiram-nos identificar as várias fases do processo da construção da violência, onde ambos cônjuges são, ao longo do mesmo processo, agressores e vítimas. Permitiu-nos, também, perceber a violência como um fenómeno social total, mostrando como se articulam as suas diversas

dimensões e as suas fases, e como os actores envolvidos partilham papéis diferentes- por algumas vezes são agressores e por outras vezes vítimas;

Na terceira e última fase, fizemos ligações telefónicas para algumas entrevistadas, onde foi possível marcar as segundas entrevistas com estes indivíduos. Os locais para as realizações das segundas entrevistas são: casas das entrevistadas, nos restaurantes que ficam perto das casas das entrevistadas e nas caninas escolares. É importante referir que a escolha do local dependia das entrevistadas.

Neste estudo usamos o seguinte critério de seleção dos entrevistados: a) ser parceiro ou parceira de alguém num relacionamento amoroso; b) estar envolvido ou outrora esteve envolvido no acto da violência no seu relacionamento; c) ser funcionários do GAM que trabalha na área de registo das ocorrências dos casos de violência.

Ao longo da pesquisa etnográfica encontramos dois (2) constrangimentos: O primeiro constrangimento está relacionado com questões burocráticas do GAM, levamos quase um mês a tratar e a espera da resposta da nossa candidatura ao estágio na Instituição. O segundo constrangimento está relacionado no facto de escolhermos GAM, que é um lugar frequentado maioritariamente pelas mulheres, isto impossibilitou-nos a conversar com indivíduos do sexo masculino. Este constrangimento pode ter implicações nos resultados do nosso estudo, visto que as nossas conclusões são baseadas somente nas narrativas dos indivíduos do sexo feminino. Nas futuras pesquisas seria muito interessante incorporar as narrativas dos indivíduos do sexo masculino. Estas narrativas ajudariam a explorar outras experiências de violência e a desvendar outro imaginário em torno da violência.

## Capítulo III

### 3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

#### 3.1. História dos Relacionamentos Conjugais

Nesta secção apresentaremos histórias dos relacionamentos conjugais, onde vamos mostrar como a violência é construída mutuamente entre os parceiros ao longo do tempo, de forma diferente e como as várias dimensões da violência são incorporadas numa única história de violência. Mostraremos, também, que os parceiros conjugais são actores sociais activos e criam respostas de adaptação face a situação de violência. Como podemos observar na seguinte narrativa:

*“Quando conhece o meu marido ele era funcionário numa loja de artigos eletrodomésticos na baixa da cidade de Maputo. Ele era o responsável das despesas diárias de casa e das despesas escolares das crianças.*

*Ele deixou de trabalhar há dois (2) anos, nos primeiros três meses do desemprego, ele cuidava das despesas de casa. No quarto mês, ele dizia que já não tem dinheiro e pedia-me dinheiro para beber, eu dava, as vezes ele cobrava o dinheiro de aluguer das nossas dependências e ia beber com o dinheiro.*

*Agora nesses últimos meses eu cobro pessoalmente o dinheiro de arrendamento das nossas dependências e não lhe dou dinheiro para brincadeiras dele. Uso o dinheiro para despesas em casa e para comprar material escolar para as crianças. Quando ele pede dinheiro e eu digo que não tenho, então, profere contra mim palavras injuriosas tais como “ sua puta, burra, analfabeta” para além das ameaças. Eu só lhe escuto como radio. Um dos dias quando voltava da escola encontrei lhe batendo no meu filho de 9 ano, puxando os testículos do miúdo, quando procurei saber as causas chamou-me de puta, vadia e disse que o miúdo sabe onde eu guardo dinheiro e não quer lhe mostrar.*

*A partir deste dia eu passei a não falar com ele, mudei de quarto, passei a dormir no quarto da minha filha. Sempre que ele ia passear e voltava grosso vinha fazer confusão no quarto onde eu dormia. Ele saiu, com amigos dele, na sexta- feira e voltou no sábado as 14 horas. Quando voltou começou a exigir*

*almoço, eu lhe disse para ir comer onde ele estava. Então ele seguiu-me na cozinha e pegou-me no pescoço e apertou-me contra a parede” (Maria, 35 Anos de idade).*

Como podemos ver nesta narrativa a construção da violência levou dois anos. O fenómeno começa quando o parceiro deixa de tomar conta das despesas diárias de casa e nessa altura a parceira consente esta violência económica. E por sua vez, a parceira dava dinheiro ao marido para os lazeres dele. Passados alguns meses, a parceira deixa de dar dinheiro o parceiro, assistimos mais uma vez a violência económica contra o parceiro.

O marido descontente com a situação, cria mecanismo de respostas para a situação e então, injuria a esposa (a dimensão verbal da violência), a senhora consente e por sua vez responde com a violência psicológica, ignorando-o, não lhe dirigindo a palavra, conforme ela diz “*escuto lhe como radio*”. O marido sentindo-se rejeitado, violenta fisicamente o filho, alegando ser conivente da mãe em esconder dinheiro. A senhora descontente com esta situação, responde com uma violência psicológica, deixa de falar com o marido e deixa de guardar refeições para seu o esposo. Este processo foi se desenvolvendo até que um dia o parceiro violenta fisicamente a parceira.

Nesta narrativa constatamos momentos diferentes da violência e a mudança de papéis dos agentes envolvidos, onde os dois são, em alguns momentos da construção da violência, agressores e agredidos. Podemos encontrar o mesmo cenário no seguinte exemplo:

*“Dois jovens, um de sexo masculino e o outro de sexo feminino viviam no mesmo Bairro- Mafalala. O individuo de sexo masculino vivia na casa dos seus pais e o individuo de sexo feminino vivia na casa da sua tia.*

*Eu Conhece o meu namorado numa festa de aniversário de uma amiga aqui mesmo no Bairro. Ele conquistou-me e como eu gostei dele aceitei namorar com ele. Este ano, no mês de Novembro, vamos completar dois anos de namoro.*

*No primeiro ano de namoro nos entediamos bem, eu ia a casa dele para conversar ele vinha na minha, agente ia ao cinema junto, eu até, as vezes,*

*dormia na casa dele. E como ele trabalha mensalmente dava-me um dinheirinho para comprar roupa, produtos de cabelo e pagar mensalidade na escola.*

*Depois de seis meses ele começou a namorar com minha amiga, já não de dava atenção e mensalidade da escola já não queria pagar. Quando eu lhe perguntava se ele namora com fulana, ele dizia que não. Mas um dia eu vi uma mensagem de amor no telefone dele.*

*Zanguei-me com ele, já não queria saber mais dele e terminei o namoro. Todos os dias ele ligava-me eu não lhe atendia, ficamos quase uma semana na briga. Na semana seguinte ele veio na minha escola pediu-me desculpa e disse que não tinha caso com a fulana. Desculpe-o e recomeçamos o nosso namoro como era dantes. Namoramos quase mais quatro meses.*

*Tudo muda, quando no mês de abril engravidei. Quando eu lhe disse que estou grávida, ele disse que esta tudo bem, mas não estou preparado para ser pai e vamos tirar a grávida. Eu lhe disse que estou com medo de morrer, porque vi uma amiga minha que perdeu a vida por abortar e não vou tirar. Então, ele zangou-se, já não vinha para minha casa me visitar, já não ligava pra mim e quando eu ia para casa dele ele não falava comigo.*

*A barriga começou a crescer minha tia descobriu, levou me para casa dele e ele disse a minha tia que não vai assumir a barriga. Então minha tia tirou me de casa dela, fui alugar um quarto no bairro da Polana caniço.*

*Agora quando ligo pra ele, responde-me com insultos, dizendo que sou puta<sup>10</sup> e ordenando para não lhe incomodar, mais vim meter queixa para ele responsabilizar-se do bebé “ (Fátima, 24 anos de idade).*

Como podemos ver, mais uma vez, neste caso assistimos o envolvimento activo dos dois parceiros na construção da violência. Neste caso, a violência teve início quando o parceiro deixa de dar mensalidade à sua parceira; assistimos a dimensão económica da violência. Como resposta a esse comportamento, assistimos por lado da parceira uma resposta violenta. Ela decide, sem dar explicações ao parceiro, terminar o namoro, passa

---

<sup>10</sup> Termo usado pelos entrevistados para se referirem a prostitutas, indivíduos com relações extraconjugais e indivíduos infiéis.

a ignorar as chamadas do parceiro, passa a injuriar-lo diante dos amigos e conhecidos (dimensão verbal e psicológica da violência).

Nesta interação social, os dois indivíduos envolvidos no acto de violência encontram-se numa posição de reciprocidade, à medida em que o parceiro causa um sentimento de dor tendo um relacionamento extraconjugal, e a sua namorada rompe com a relação, injuria o parceiro diante de amigos e primos, ignora as chamadas telefónicas do parceiro e, por vezes, ignora a presença física do parceiro.

É importante referir que os parceiros conjugais são actores sociais activos que criam respostas adaptativas diante das situações de violência. A resposta pode ser um comportamento também violento ou não. Como forma de elucidar estes argumentos mobilizamos as seguintes narrativas, que vão nos ajudar a fortalecer os nossos argumentos:

*“Vivo com meu marido já há 20 anos, temos 5 filhos, dos quais três são rapazes e duas são meninas. Quando conheci o meu marido não bebia, nunca tivemos problemas de violência.*

*Em 2002, já estávamos casados há mais ou menos 5 anos, não sei porque ele começa a beber, já não dormia em casa nos finais de semanas (Sexta, Sábado, as vezes até nos Domingos). O ambiente de casa começou a mudar.*

*A primeira vez que lutamos, foi quando o meu marido saiu com os amigos na Sexta, e só voltou no Domingo. Fiquei zangada com ele, e não respondia as perguntas que ele fazia; se respondia era numa forma breve, então ele achou meu comportamento estranho e que eu estava perdendo o respeito. Foi assim, que ele bateu em mim” (Deolinda, de 45 anos de Idade).*

Outra narrativa:

*“Uma jovem casada, mãe de um filho de 2 anos. Conhece o meu marido em Gaza, ele veio para Maputo a procura de trabalho. Depois de ele conseguir trabalho alugou uma casa no bairro da Malhagalene, onde agente vive actualmente. Nos primeiros anos do nosso casamento éramos felizes, alegres e nos entendíamos bem.*

*Tudo começa quando uma menina do meu Bairro, que quer namorar com o meu marido, vai falar para meu marido que eu lhe disse que meu marido lá em Gaza é maluco e anda com uma faca no bolso para furar pessoa; a mesma menina disse, também, ao meu marido que eu disse que ele tem um curandeiro lá em Gaza, que lhe tratou para ele trabalhar.*

*No dia 25 de Julho de 2012, ele mandou me para ir a casa dos pais dele. Depois ele levou aquela menina que mentiu para mim para casa, começa a viver la. Tudo o que acontecia ca no Maputo, eu sonhava. Dois dias depois eu não fiquei a vontade, ligo para ele e quem me atende é a tal menina. Pergunto quem é, ela diz que sou a nova dona de casa.*

*Ele comprou roupa para lhe lobolar. No mesmo dia comprei bilhete de carro e voltei para Maputo. Quando chego em casa encontro os dois em casa. Perguntei a menina, você mentia para mim a que eu falei coisas, enquanto não falei sou para ficar com meu marido? Ela começa a falar para meu marido que eu sim falei, enquanto não.*

*Eu pergunto ao meu marido, você mandou me para Gaza para ficar com outra mulher. E eu disse para ele que já não quero mais nada contigo e vou seguir a minha vida.*

*Levei as minhas coisas e o meu filho, fomos viver na casa da minha prima na matola. Fiquei na casa da minha prima por um mês, depois ele disse que eu andei a falar coisas que ele não gostou e começou a bater em mim com socos na cara e puxou o meu cabelo (Júlia, 20 Anos).*

Nas narrativas acima descritas assistimos que a violência nasce a partir das “alegadas” injúrias proferidas contra o parceiro da relação. A injúria pertence à dimensão verbal da violência e que está diretamente ligada à dimensão psicológica da violência. Como reação a este comportamento violento, o parceiro diz para a esposa ir para casa dos pais - em Gaza, tirando-a da casa; Entramos na segunda fase da construção da violência, que é a violação da direito habitação.

A reação violenta do parceiro face a injúria pode-se considerar como uma acção instrumentalista que é conhecida como acção por fim. O parceiro planeou a saída da

esposa para substituí-la por uma amante. Como consequência deste comportamento violento a senhora Júlia decide, sem o consentimento do marido, terminar com o casamento, levando o filho, alguns bens e saindo de casa. Assistimos, mais uma vez, comportamento violento a gerar outro comportamento violento.

Na análise dos dados etnográficos percebemos que a violência é um acto ou comportamento praticado para outrém, causando-lhe sentimento de dor e desconforto e, no contexto dos relacionamentos conjugais, este fenómeno é construído e partilhado pelos dois parceiros envolvidos, num longo espaço de tempo; - percebemos também que a violência, nos relacionamentos conjugais, é um fenómeno social total; Isto porque observamos que no processo da sua construção, coabitam as várias e diferentes dimensões da violência (a verbal, psicológica, económica, sexual, política, etc.) e elas, se complementam para formar um todo.

Estes dados etnográficos permitem-nos concluir que, no contexto das relações conjugais, a violência é um fenómeno construído mutuamente ao longo do tempo entre os parceiros, que pode desembocar na violência física, verbal, psicológica, sexual, económica.

## Capítulo IV

### 4. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Neste trabalho analisamos o processo da construção da violência no contexto dos relacionamentos conjugais. Realizamos o estudo no GAM, localizado no Bairro do Alto-Máe, Cidade de Maputo. Os resultados de reflexão teórico-empírica dos dados permitem-nos concluir que, no contexto das relações conjugais, a violência é um fenómeno construído mutuamente ao longo do tempo entre os parceiros, que pode desembocar na violência física, verbal, psicológica, sexual ou económica.

Reconhecendo a existência de uma estrutura social (como por exemplo as classes e os grupos de prestígio), que existem externamente aos indivíduos ou que são independentes destes, no contexto da violência conjugal, compreendemos que os indivíduos são seres cientes das suas próprias individualidades e capazes de se verem de fora como os outros lhes vêm, e são indivíduos com capacidade de agir livremente face aos riscos da violência e de configurar o seu futuro. Os parceiros conjugais são actores sociais criativos com controlo das suas actividades e condições das suas vidas. Eles criam mecanismos e estratégias adaptativas com vista a responder os riscos da violência e as estruturas da violência, formando assim uma complexa rede de acções recíprocas entre os parceiros.

Gostaríamos de finalizar este estudo deixando algumas considerações para as futuras pesquisas; Os resultados deste estudo abrem novas pistas para as futuras, segundo as quais passaremos a pensar a violência como algo que independe do sexo do indivíduo, mas sim como um fenómeno construído ao longo do tempo entre os dois ou mais actores sociais envolvidos. E, nas futuras pesquisas, seria muito interessante incorporarmos as narrativas dos indivíduos do sexo masculino. Estas narrativas irão nos ajudar a explorar as outras experiências de violência e a desvendar outro imaginário em torno da mesma.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Azevedo, F. de Castro (Org) 1986, *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas.

Baloí, Obede Suarte, 2011, “ Entre a espada e a parede: o círculo vicioso da violência como um dilema de um Estado Pós-guerra” In *Mosaico Sociológico*, 2011, Teles. N, Muianga, B e Brás. E, (Org). Maputo: UEM-FLSC.

\_\_\_\_\_ Bourdieu, Pierre 1998, *A Dominação Masculina*. Lisboa: Celta Editores, 2ª Edição.

Da Conceição, Rafael 2007, “*Lied para Yonnis-Fred e Maelle*”: (paternidade, morte e quotidiano, construções no mar, em terra e no ar). Maputo: Imprensa Universitária.

Gune, Emídio, 2010 (Org), *Contribuição da antropologia para a saúde pública: um enfoque nos programas de maternidade segura, HIV e SIDA*. Impresso na Espanha por gráficas San Sadurní.

\_\_\_\_\_ GAM, 2011, *Relatório sobre a violência em Moçambique*.

\_\_\_\_\_ GAM, 2012, *Relatório sobre a violência em Moçambique*.

Giddens, Anthony, 2009, *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 7ª Edição.

Loforte, A. 1995, *Género e Poder entre os Tsongas de Moçambique*. Maputo: Edições Promédia.

Loforte, A. 2009, *Movimentos Sociais e Violência Contra a Mulher em Moçambique*. Publicado em outras vozes.

Monteiro, Ana Cristina, 2010, *Lei da Família, lei nº 10/2004. Pela igualdade de direitos entre mulheres e homens na Família: O casamento*. Maputo: WLSA Moçambique, 1ª Brochura.

Macia, M, e Langa, P, 2004, *Masculinidade, Sexualidade e HIV/SIDA em Moçambique (A desconstrução do Masculino)*.

Meija, M. e Arthur, M. J. 2005 “Violência Doméstica: a fala dos Agressores”. Maputo: Publicado em outras Vozes, no 5. WLSA. 1-27.

Moura, Tatiana et al 2009, *Invisibilidades da Guerra e da Paz: Violências contra as Mulheres na Guiné-Bissau, em Moçambique e em Angola*. Revista crítica das ciências sociais, 86. Maputo: WLSA.

Minayo. M.C, 1994, *Violência Domestica sob Perspectiva da Saúde Pública*. Caderno de Saúde pública. Rio de Janeiro.

Minayo, M. C. e et al 1993, *Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade*. Rio de Janeiro: Cadernos de Saúde Pública.

Muianga, Baltazar, 2009, *Risco e Saúde no Contexto de HIV/SIDA: Caso da prostituição na baixa da cidade de Maputo*. ISTC: Lisboa, Dissertação de Mestrado em estudos africanos- desenvolvimento social e económico em Africa: Análise e Gestão.

Novaes, Regina, R e Lima, Robert Kant (Org) 2001, *Antropologia e Direitos Humanos*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense.

Neves, Walter 2000, *Antropologia Ecológica, Um Olhar Materialista Sobre as Sociedades Humanas*. Cortez Editora, Brasil, 2ª Edição.

Osório, Conceição 2004, *Mulheres, Poder e Democracia*. Publicado em revista outras vozes, nº 9.

\_\_\_\_\_ Suárez, M. (1995), “Enfoques feministas e antropologia”, Série Antropologia: Brasília. 1-12.

Stolcke, V. (1996) “Antropologia del Género: El cómo y el por qué de las mujeres”. In Prat & Martínez (eds). *Ensayos de Antropología Cultural*. Editorial Ariel, S.A, Barcelona. Extraído de Biblioteca Virtual de Ciências Sociais. [www.cholonautas.edu.pe](http://www.cholonautas.edu.pe).

Teala, Kátia 2006, *Revisão de Literatura sobre a Violência Doméstica contra a Mulher*. Maputo: N`weti.

Teles, Nair e BRÁS, J. Eugénio (Org) 2010, *Género e Direitos Humanos em Moçambique*. Maputo.

\_\_\_\_\_ WLSA 2001, *Poder e Violência: Homicídio e Femicídio em Moçambique*. Maputo.